

O Circuito da ipseidade e seu lugar em “O Ser e o Nada”

Bento Prado Júnior

Universidade Federal de São Carlos

resumo A circunscrição do tema do circuito da ipseidade em *O Ser e o Nada* pode esclarecer as inovações sartreanas em relação ao estatuto da Metafísica, da Ontologia e da Fenomenologia. Apresentamos aqui algumas direções dessa tarefa assumida por Sartre, ao tratar da passagem da fenomenologia à ontologia, sobretudo sua defesa da irreducibilidade do fenômeno do ser ao ser do fenômeno, que culmina na ontologia fenomenológica e que é o *télos* de *O Ser e o Nada*. A passagem à metafísica pode ser bem delineada através da contraposição com a empresa bergsoniana, já que a metafísica aparece na reflexão de Sartre com uma função puramente reguladora, jamais constitutiva.

palavras-chave Sartre; fenomenologia; ontologia; metafísica; ipseidade.

I

Uma boa compreensão do tema do “circuito da ipseidade”, como de qualquer outro tema de *O Ser e o Nada*, exige algo mais do que o esclarecimento de sua exposição tópica. Qualquer um de seus temas, visados em si mesmos, não mostram com clareza seu perfil, se não atentarmos para o andamento metódico do livro, em particular a dialética que une, num único movimento, fenomenologia, ontologia e metafísica numa obra que traz como subtítulo *Ensaio de ontologia fenomenológica*.

Para mostrá-lo, apoiemo-nos num belo ensaio de Alain Flajoliet, “Ipséité et temporalité”, recentemente publicado em *Sartre, Désir et Liberté*, livro coordenado por Renaud Barbaras¹. Que nos seja permitida,

Recebido em 08 de maio de 2006. Aceito em 12 de junho de 2006.

doisportos, Curitiba, São Carlos, vol. 3, n. 2, p.29-36, outubro, 2006.

para melhor *entrée en matière*, uma longa citação da abertura desse ensaio, que nos colocará no coração de nosso assunto. Os quatro parágrafos com que se abre o ensaio em pauta são os seguintes:

“A ontologia fenomenológica de *O Ser e o Nada* se desdobra em diferentes níveis existenciais sucessivos, cujo primeiro, que ocupa os capítulos um e dois da segunda parte, poderia chamar-se: a ipseidade como temporalização ek-stática. Esse nível é compreendido e elucidado num movimento complexo em três tempos. É esse movimento que nós nos propomos seguir.//Em primeiro lugar, a *ontologia* fenomenológica fixa o sentido de ser do ser-para-si como ipseidade, isto é como existente que falta de... para... *Aliis verbis*, como modificação da presença (junto a) si fáctico que “somos” com vistas a um possível si-mesmo-na-forma-do-em-si que não podemos ser, sob os auspícios de um valor sempre buscado, mas jamais atingido.//Em segundo lugar a *fenomenologia* ontológica da temporalidade descreve sucessivamente as três dimensões temporais da ipseidade: futurização, presentificação, passadificação. Passagem da ontologia à fenomenologia.// Em terceiro lugar, a *ontologia fenomenológica* da temporalidade revela o ser das três dimensões temporais e a dinâmica que traz à luz o surgimento do novo presente futurizante, deixando atrás de si o antigo presente passadificado. Retorno à ontologia pela fenomenologia” (FLAJOLIET, 2005, pp. 59-60).

Subscrevemos integralmente essa descrição dos três tempos da circunscrição da *ipseidade*. O que nos interessa é mostrar como ela exige, para sua completa compreensão, sua inscrição num movimento mais amplo que nos leva da introdução de *O Ser e o Nada* à sua conclusão. Para compreendê-lo, talvez seja útil contrapor, a *O Ser e o Nada*, o breve e precoce ensaio, escrito em 1933-34, publicado em 1947 nas *Situations I*, sob o título de “*Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité*”. Do pequeno ensaio ao grande livro, nós passamos de uma exposição da fenomenologia husserliana que evita qualquer distanciamento face à obra do Mestre a uma reformulação da própria idéia de fenomenologia que já o afasta do que seria o “idealismo” husserliano. Reelaboração da fenomenologia que lança mão, de maneira livre e nada servil, da Ontologia de Heidegger. Essa diferença é exposta de maneira esquemáti-

ca numa comunicação feita em 2 de julho de 1947 na *Société Française de Philosophie*. Aí podemos ver como Sartre define sua posição, fixada em *O Ser e o Nada* como que *entre* Husserl e Heidegger, de maneira a evitar os limites dessas duas empresas filosóficas, das quais só parte e nas quais só se apóia para transcendê-las. Aí podemos ler: “É necessário operar uma síntese da consciência contemplativa e não dialética de Husserl, que nos conduz só à contemplação das essências, com a atividade do projeto dialético, mas sem consciência, e por conseguinte sem fundamento, que encontramos em Heidegger, onde vemos, ao contrário, que o elemento primeiro é a transcendência” (SARTRE, 1948)².

Retenhamos, de início, o afastamento em relação a Husserl. Embora de maneira original, Sartre não deixa de participar de um movimento coletivo, que atingiu boa parte dos discípulos de Husserl. Tal movimento é bem descrito na conclusão de *Crítica da Razão na Fenomenologia* de Carlos Alberto Ribeiro de Moura³. Não são poucos os que, como Merleau-Ponty, afirmam que a maior lição da redução transcendental é a impossibilidade da redução transcendental... Ou, como diz Moura: “A redução transcendental não teria por resultado e conseqüência a supressão pura e simples do próprio sentido de qualquer pergunta pela possibilidade do conhecimento? Ao colocar ‘fora de jogo’ a subjetividade mundana, a redução parece fazer desaparecer o único território onde a questão do conhecimento poderia instalar-se” (MOURA, 1989, p.221). Mas – e aí nos afastamos da óptica de Carlos Alberto – a nova versão da fenomenologia se afasta, com Heidegger e Sartre (mas também com Merleau-Ponty), da questão da fundamentação do conhecimento racional, deixando de lado questões propriamente epistemológicas. Na verdade, é a própria noção de *ontologia* (desde Husserl ligada à idéia de fenomenologia) que muda de sentido. A ênfase da dimensão da crítica ou do fundamento da Razão leva Husserl à concepção da ontologia organizada em dois níveis: o da ontologia formal e o das ontologias materiais ou regionais. A primeira lembra a velha idéia de *Mathesis Universalis*, ou a mais recente de *uma teoria do objeto qualquer*, enquanto as segundas definem *a priori* os domínios das ciências particulares: vida, psiquê, espírito, etc.

Com Heidegger e sua idéia de uma “ontologia fundamental” (que, do ponto de vista da ortodoxia, como analítica do *Dasein*, não poderia passar da esfera segunda das ontologias regionais; do mesmo ponto de vista, ao

ultrapassar o regional, condena a fenomenologia a uma queda no mero antropologismo) a paisagem é completamente modificada. Daí a resistência de Husserl à empresa de seu discípulo, mesmo se a ontologia fundamental não se limita à analítica do *Dasein* e culmina na interpretação do “sentido do Ser” (e jamais do conhecimento dos entes).

Com esta introdução esquemática, talvez já possamos refletir sobre as inovações sartreanas nos estatutos atribuídos respectivamente à Metafísica, à Fenomenologia e à Ontologia. Logo no início de *O Ser e o Nada* é visado o entrecruzamento entre Ontologia e Fenomenologia, num parágrafo intitulado: *O fenômeno do ser e o ser do fenômeno*. A questão é a da relação entre o *fenômeno* do ser e o *ser* do fenômeno. A diferença da grafia (palavras diferentes sublinhadas em expressões apenas aparentemente sinônimas) sublinha a diferença entre fenomenologia e ontologia. E o problema que Sartre enfrenta, e que teria escapado a Husserl, seria o seguinte: o *ser* do fenômeno não ultrapassa, de alguma maneira o *fenômeno* do ser? Não há algo como um ser *transfenomenal*?⁴ Na verdade, neste capítulo inicial Sartre apóia-se em Husserl e Heidegger para distanciar-se deles. O que se recusa é a solução husserliana que consiste em assegurar a passagem do fenômeno concreto à sua essência ou a solução heideggeriana que garante a passagem do fenômeno a seu ser pela via do caráter ôntico-ontológico de *Dasein*. O que nos proíbe de proceder à maneira de Husserl (mas também de Hartmann e de Ingarden) é que o ser é essencialmente condição de toda revelação: “*il-est-pour-dévoiler et non être dévoilé*”. Há, portanto, irredutibilidade do fenômeno do ser ao ser do fenômeno, pois o primeiro transcende o segundo e funda o conhecimento que dele temos. E a tarefa da filosofia é passar da *ontologia* fenomenológica (onde predomina a visada do transfenomenal) à ontologia *fenomenológica* (onde predomina o fenomenal), para culminar em plena *ontologia fenomenológica* que é o *télos* de *O Ser e o Nada*.

II

Para fixar o sentido da Metafísica, é preciso que saltemos 700 páginas de *O Ser e o Nada* passando de sua introdução à sua conclusão. Antes de entrarmos no texto, é preciso sublinhar que essa palavra assume um senti-

do diferente daquele que ela recebe sucessivamente na obra de Heidegger, desde seus primeiros escritos até depois da “virada” dos anos 30. Digamos que a Metafísica guarda, na obra de Sartre, algo do sentido quase negativo que recebera na *Crítica da Razão Pura* de Kant. Não o sentido de uma ciência ilusória (delírio da Razão), mas antes o de uma heurística que não deixa de ter sentido sem ser *constitutiva*, algo como um raciocínio *hipotético* que se diferencia do caráter apodítico da ontologia fenomenológica. A ontologia fenomenológica descreve a estrutura do ser-aí como paixão inútil, como desejo de reconciliar o irreconciliável: a união do ser-para-si com o ser-em-si. Ao caráter estrutural da ontologia fenomenológica, opõe-se o caráter genético da Metafísica: não mais descrever modos de ser, mas delinear uma espécie de *história* ou uma explicação da passagem do em-si ao para-si como projeto do em-si de atingir a plenitude ontológica ou a beatitude do ser-em-si-para-si (numa palavra, a gênese de Deus). O surgimento do para-si deixa de aparecer, como na ontologia, como “acontecimento absoluto”, para tornar-se *meio*. Há quarenta anos atrás eu aproximava a metafísica de Sartre daquela que aparecia, para mim, na ocasião, como a de seu arqui-inimigo: o Bergson de *A Evolução Criadora*. Nas últimas páginas de minha tese de 1964 eu escrevia: “Mas não éramos nós mesmos que opúnhamos a empresa bergsoniana à empresa sartreana? Não dizíamos nós que, para além das semelhanças na genealogia do negativo a partir do *besoin* (*carência, falta*), havia uma diferença fundamental entre uma filosofia que se nega a descrever o Ser antes do surgimento do para-si e uma filosofia que se entende como descrição do mundo anterior à *práxis* humana? Caracterizamos, por outro lado⁵, esta oposição afirmando, na linguagem de Sartre, que para Bergson a ontologia se prolonga necessariamente em metafísica, enquanto para Sartre há uma descontinuidade entre as duas perspectivas. Voltemos, todavia, ao problema. Como aparece, para Sartre, a passagem da ontologia à metafísica? Ela aparece, em primeiro lugar, como passagem do apodítico ao hipotético: enquanto a ontologia descreve as estruturas das regiões do Ser, a metafísica há de formular hipóteses (e apenas hipóteses) para ‘unificar os dados da ontologia’⁶. A metafísica aparece como *regulação*, na sua oposição à *constituição* ontológica. O que a metafísica pode dizer, das relações entre o para-si e o Ser total, é que é *como se* o em-si tentasse fundar-se a si mesmo (tornar-se *ens causa sui*) através do surgi-

mento do para si. A ontologia, por seu lado, afirma que a consciência é *por sua estrutura ou essência*, projeto de auto-fundação⁷. A respeito desses dados, a metafísica, pensando o surgimento da negação, nos diz: ‘Mas, precisamente porque nos colocamos do ponto de vista desse ser ideal (*ens causa sui*) para julgar o ser *real* que chamamos *ólon*, nós devemos constatar que o real é um esforço malogrado para atingir a dignidade da causa-de-si. Tudo se passa como se o mundo, o homem e o homem-no-mundo não chegassem a realizar senão um Deus malogrado. Tudo se passa, portanto, como se o em-si e o para-si se apresentassem em estado de desintegração em relação a uma síntese ideal’⁸. Esta dimensão reguladora da metafísica na filosofia de Sartre nos reconduz à idéia de *finalização retrospectiva* tal como ela aparece em *L’Évolution Créatrice*: ‘Tudo se passa como se um ser indeciso e vago, que se poderá chamar como se preferir, *homem* ou *super-homem* tivesse buscado realizar-se e somente tivesse conseguido fazê-lo abandonando, no meio do caminho, uma parte de si mesmo’⁹ (PRADO JR., 1989, pp. 216-217).

III

Mas, talvez, a boa conclusão desta breve análise deva passar por algumas considerações sobre o 2º capítulo da IIª parte de *O Ser e o Nada*, ou pela teoria do ser-para-si. Noutras palavras, depois de viajar entre o início e o fim da obra de Sartre, abri-la em seu meio ou em seu coração. Para fazê-lo, retornemos à longa citação do já referido ensaio de Alain Flajoliet. O alvo de seu ensaio não é o nosso, já que visa as noções de ipseidade e de temporalidade. Que proveito podemos tirar, com vistas a nosso alvo, deste texto tão instrutivo? É o fato de que ele nos devolve a nosso ponto de partida de maneira particularmente esclarecedora. Com efeito, nosso ponto de partida fora marcar a distância que separava a iniciativa filosófica de Sartre das de Husserl e, mais particularmente, de Heidegger. No texto do *Bulletin de la Société Française de Philosophie* de que partimos, era claro um certo privilégio atribuído a Heidegger por colocar no coração de seu pensamento a idéia da *transcendência*, mas sobretudo a ênfase, nas entrelinhas, na *circularidade* da idéia da dimensão ôntico-ontológica do *Dasein*. Dimensão essa que transparece já na idéia da *compreensão pré-onto-*

logica do Ser, que implica uma forma de essencial circularidade no trabalho do Pensamento. Com efeito, para Heidegger, mesmo o *Dasein* alienado no mundo da inautenticidade ou da quotidianidade (no reino do *Das Man*) é habitado por uma pré-compreensão do sentido do Ser. E é o esclarecimento ou desvendamento dessa pré-compreensão que permite o movimento da ontologia fundamental, seguindo o círculo hermenêutico (Heidegger insistia no caráter virtuoso do círculo hermenêutico, dizendo que carecia *entrar* nesse círculo não vicioso, em lugar de buscar sair dele). Circularidade que transparece também na estrutura programada de *Ser e Tempo*, que jamais chegou à sua redação completa. No programa original, depois de *Ser e Tempo*, o tratado antecipava uma segunda parte com o título de *Tempo e Ser*, num vai-e-vem *dialético* (como diz Sartre no texto do *Bulletin* acima citado) muito semelhante ao que nos leva da *ontologia fenomenológica* à *ontologia fenomenológica*, como uma etapa para atingir a plena *ontologia fenomenológica*. Tudo se passa, assim, como se os movimentos da reflexão da Heidegger e de Sartre fossem caracterizados por um mesmo estilo circular. Restando apenas a restrição sartreana de que tal operação tropeçava, em Heidegger, pela falta de recurso à idéia de consciência, sem a qual não seria possível uma ontologia fenomenológica do ser-para-si. De resto, tudo se passa, também, como se a circularidade da ontologia fenomenológica fosse confirmada, como que negativamente, pela circularidade essencialmente incompleta da narrativa ou da hipótese propriamente metafísica. Não é assim de estranhar que 17 anos após a publicação de *O Ser e o Nada*, na sua *Crítica da Razão Dialética*, onde buscava dar fundamento ontológico ao marxismo, Sartre definisse o método da dialética como *progressivo-regressivo*.

¹ PUF, col. *Débats Philosophiques*, 2005, pp.59-84.

² Cf. “Conscience de soi et connaissance de soi”, *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, XLIIe. Année, n° 3, 1948, p. 49-91.

³ Edusp e Nova Stella, 1989.

⁴ Questões que podem lembrar aquelas formuladas por Nikolai Hartmann e Roman Ingarden, mas que não conduzem Sartre na direção de um retorno ao *realismo*, pelo menos no sentido que os dois outros discípulos de Husserl atribuem à palavra.

⁵ Id. Ibid., cap. III, # 13.

⁶ Cf. *L'Être et le Néant*, p. 715.

⁷ Id. ibid., p. 714-5.

⁸ Id. ibid., p. 717.

⁹ *L'Évolution Créatrice*, p.277; p. 721.

Referências bibliográficas

BERGSON, H. 1959. *Oeuvres*. Édition du Centenaire, Paris: PUF.

FLAJOLIET, A. 2005. Ipséité et temporalité. In: BARBARAS, R. (org.) *Sartre, Désir et Liberté*. Paris: PUF, col. *Débats Philosophiques*, pp. 59-84.

PRADO JR., B. 1989. *Presença e Campo Transcendental, Consciência e Negatividade na Filosofia de Bergson*, São Paulo: Edusp, série Passado e Presente, 1989. Tradução francesa de Renaud Barbaras, publicada pela Ed. Olms, col. Europaea Memória, 2002.

SARTRE, J-P. 1948. “Conscience de soi et connaissance de soi”. In: *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, XLIIe. Année, n° 3, p. 49-91.

_____. 1943. *L'Être et le Néant. Essai d'ontologie phénoménologique*. Col. Bibliothèque des Idées, Paris: Gallimard.